

Marcas deixadas pela prematuridade: vivências e escolhas maternas em relação a cuidadores não-parentais aos 12 meses do bebê

Larissa Ramos da Silva

Orientadora: Rita de Cássia Sobreira Lopes

Núcleo de Infância e Família - Instituto de Psicologia da UFRGS

INTRODUÇÃO E OBJETIVO:

- Tendo em vista a presença intrusiva de cuidadores não-parentais no início da vida do bebê prematuro, torna-se importante investigar as reverberações de ter habitado esse lugar transitório, intermediário e impessoal - a UTI Neo - a longo prazo para as mães e os bebês.
- Objetivo: investigar as vivências das mães de bebês prematuros em relação a cuidadores não-parentais aos 12m, atentando para as marcas possivelmente deixadas pela experiência que envolve a prematuridade.



MÉTODO:

- Participantes: 35 mães de bebês prematuros que estiveram na UTI Neo, atendidas pelo SUS em três diferentes hospitais públicos de POA
- Instrumentos: TCLE, Entrevista estruturada realizada de forma semidirigida, Ficha de dados clínicos e Ficha de dados sociodemográficos
- Estudo qualitativo transversal
- Análise de conteúdo

RESULTADOS:

- Houve relativamente poucas falas que relacionam explicitamente a escolha de cuidado e a prematuridade: conteúdo que por vezes esteve latente no discurso - aspectos inconscientes
- Resultados apresentados em dois grupos:
 - 1) Mães que incluíram cuidadores não-parentais ou creche
 - 2) Mães que não incluíram cuidadores não-parentais ou creche

1) Mães que incluíram cuidadores não-parentais ou creche

"Quando eu to longe eu fico ligando pra mãe [avó da bebê]. 'Mãe, como é que tá a [bebê]?', 'Tá bem guria, parece louca. Acha que eu não sei cuidar? Cuidei de vocês.' (avó) '...não mãe, que a [bebê] é diferente (mãe).' Eu acho que ela é mais delicadinha, mais sensível, por ser prematura..." (M18)

"Eu sempre tive muito medo porque em creche é muitas crianças. Não tem uma pessoa que fica especificamente cuidando do teu filho. Como ele tomava gardenal, que era um remédio controlado, tinha que ser no horário. E como ele já teve todos aqueles problemas anteriores, então eu optei por uma pessoa que cuidasse só dele, pra dar mais atenção pra ele. Qualquer sinalzinho de situação diferente, corre com ele e numa creche já não acontece isso." (M20)

2) Mães que não incluíram cuidadores não-parentais ou creche



"Mas, ah, eu.. pelo que ela passou, né? Talvez se ela não tivesse passado por tudo isso [prematuridade] eu colocaria mesmo [na creche]. É, mas como ficou bem claro que pra ela não seria bom se expor a esse tipo de lugar, né? Nem pra nós." (M22)



"Eu visitei uma creche, aí eu expliquei a situação da [bebê], que ela tinha medicamento e a mulher foi bem estúpida, 'olha, a gente tem tantas crianças, a gente não pode dar um tratamento especial pra essa'. [me sinto] Bem ruim [de ela ir pra creche]. Porque até a gente confiar, conhecer, se apegar, as pessoas que vão cuidar dela, a gente fica com um pé atrás." (M25)

DISCUSSÃO:

- Vozes diversas, diferentes saberes: importância de dar voz às mães para poder pensar formas adequadas de acolhimento do seu sofrimento psíquico e repensar as políticas públicas a elas direcionadas
- Marcas deixadas pela prematuridade: olhar das mães sobre os bebês como ainda frágeis - fragilidade física inicial e discurso médico que atravessa essa experiência
- Importância de as mães poderem elaborar as vivências relacionadas à prematuridade e terem apoio emocional